

BALADA EM DUAS NOITES

completamente eu mesma e eu receio, falou com ele, disse-lhe coisas que nunca pensara dizer a ninguém, esteve quase a contar-lhe as mágoas mais secretas, as que guardava com medo.

Madrugada, não queria deixá-lo partir, havia se perdido por primeiros raios, as primeiras luzes, os primeiros passos. E ela não queria deixá-lo partir. Sem lhe ter entregado o corpo, tinha-se dado - talvez pela primeira vez - de maneira tão completa que não podia voltar. Ajudou-o a vestir o casaco, queria fazer uma descoberta chegou-lhe a escuridão. Abraçou-o, queria poder guardá-lo.

Madrugada, ele partiu. Ela entrou no quarto, com os meus e as velhas colímbas e a sua Primeira noite

Ela acendeu a vela porque tinha medo. Queria um pouco de luz para não transformar a noite num mudo combate animal entrecortado por respirações opressas. Depois, sentiu-se envelhecida, a cara destrocada pelas noites perdidas, pela má comida, pelas bebidas, pelo fumo. Teve receio que ele a fitasse e sentisse pena. Então, pegou num chapéu de lã macia que gostava de acariciar, e tapou-lhe os olhos. Assim, com ele deitado e sem a poder ver, fitava-o, espreitava-o. De vez em quando ele puxava o chapéu para o lado, e ela repunha-o no lugar. Queria contemplá-lo.

Tinham passado, quase sem se conhecerem, do café para a cama. Seu corpo, com as suas carícias, com a sua expressão tensa e pensativa. A espaços ele dizia-lhe palavras meigas, palavras doces, que repercutiam longamente na sua memória cansada, dissolviam as dores guardadas de tanto pontapé, tornavam a noite acolhedora. A vela ia em meio quando ele depois de a abraçar - e nessa altura ela já não podia resistir ao abraço, e abraçou-o, e acariciou-o, e apertou-o contra o corpo - começou a beijá-la. Ela manteve-se calma, sem reagir, mas sentindo um antigo calor renascer em si. Beijou-o também. Lentamente, como quem tem medo de perder tudo ao pensar que está a ser enganada. A medo.

Escondia os olhos - a grande beleza da sua cara - e ria, devagarinho. Beijava-o, e começou a amá-lo. Durante horas esqueceu os dias após a entrega. Disse, repentinamente "Daqui a uma semana

completamente os medos e os receios, falou com ele, disse-lhe coisas que nunca pensara dizer a ninguém, esteve quase a contar-lhe as máguas mais secretas, as que guardava com pudor.

Madrugada, não queria deixá-lo partir. Havia no prédio os primeiros ruídos, as primeiras luzes, os primeiros passos. E ela não queria deixá-lo partir. Sem lhe ter entregado o corpo, tinha-se dado - talvez pela primeira vez - de maneira tão completa que não o queria perder. Ajudou-o a vestir o casaco. Queria fazer chá. Aconchegou-lhe o sobretudo. Abraçou-o. Queria poder guardá-lo.

Madrugada, ele partiu.

Ela entrou no quarto, com os medos e as velhas solidões e o seu corpo lasso das noitadas, do fumo e das bebidas, a pele des- troçada, sem o macio de antigamente. Olhou-se ao espelho e chorou um pouco. Tinha chorado, também, nos braços dele, sem saber porquê. Chorou então, muito rapidamente, a sua juventude que desaparecia como água na areia. Teve raiva. Mas o sono, o sono de uma noite em claro, as emoções que a tinham arrasado, arrastaram-na para a cama, para o calor entre dois lençóis, e ela adormeceu, com uma lágrima e um sorriso.

Segunda noite

Queria dizer-lhe que ficasse junto dela, que a aquecesse com o seu corpo, com as suas carícias, com a sua expressão tensa e pensativa. Queria transformar a noite num tempo irreal em que seria a grande convidada, em que todo o passado seria esquecido e o seu corpo de novo ágil e magnífico na pureza das linhas, macio como sonhos agradáveis.

Mas não queria dar o primeiro passo.

Não queria franquear a linha que separa a mulher que cede da mulher que pede. Ah, sim, tinha medo. Era ainda um pouco de hipocrisia, um pouco de pudor e um pouco de amor próprio, e talvez orgulho.

Mas era sobretudo o medo.

O medo de se ver facilmente repudiada poucas horas, poucos dias após a entrega. Disse, repentinamente "Daqui a uma semana

já não tenho mais segredos para ti, e acabou-se o interesse". Ele não soube responder - porque havia uma pergunta oculta na frase. pensou que ela começava a adivinhar, mas sem o saber, o que ele próprio pensava. Começava a conhecê-la. Lia na sua expressão, nos seus silêncios, nas palavras entrecortadas, nas dúvidas subentendi das. Divertia-se um pouco a deixar correr o tempo sem tomar uma decisão, sem pronunciar as palavras que ela queria ouvir, sem apresentar o sinal que lhe permitiria, a ela, uma rendição decente.

Por fim, cedeu e ficou.

Ela apagou a vela. Era inverno e a luz do metal incandescente do aquecedor deu ao ambiente um pouco da intimidade que ela queria que existisse. Deitaram-se.

Esqueceu as marcas do tempo no corpo, tão vibrante era o calor que emanava. Encontrou-lhe na voz ciciada e cálida o desejo de amor, o medo de morrer em solidão, e sobretudo o grande pânico de ter que percorrer um caminho enorme sem uma paixão, apenas hipocrisia, ligações passageiras, com seu hálito turvo.

Lágrimas corriam dos olhos até aos lábios, e eram salgadas, ácidas, quentes, agradáveis...

-o, espreitava-o, de vez em quando ele puxava o corpo para o lado, e ela repunha-o no lugar, queria contemplá-lo.

Tinha passado, quase sem se conhecerem, do café para a cama.

A espaços ele dizia-lhe palavras soltas, palavras doces que repercutiam longamente na sua memória encoberta, palavras de cores guardadas de longo tempo, tornavam a noite agradável. A vela ia se esvair quando ele se pôs a abraçar - e nesta altura ela já não podia resistir ao abraço, e abraçou-o, e apertou-o, e apertou-o de mais o corpo - começou a beijá-lo. Ela mantinha-se calada, sem reagir, mas sentindo um estivo calor fluir de si. Beijou-o também, lentamente, como quem tem medo de perder tudo ao pensar que está a ser enganada. A boca.

Recebeu os olhos - a glória de seus olhos - e viu, devagarinho, beijava-o, e começou a beijá-lo. Durante horas esqueceu